

**POE OU O VOO DO CORVO - ALOCUÇÃO
INAUGURAL PROFERIDA PELO REITOR DA
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA NO
ENCONTRO “HOMENAGEM A EDGAR ALLAN POE”**

Salvato Trigo

Reitor

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

reitoria@ufp.edu.pt

Na conhecida carta que Pessoa escreveu a José Osório de Oliveira, escritor e ensaísta a quem devemos, entre outras coisas, a primeira divulgação substantiva da literatura brasileira e das literaturas africanas de língua portuguesa, designadamente a caboverdiana, na conhecida carta pessoana, dizíamos, o poeta dos heterónimos revela a sua formação estética e literária, a saber:

A primeira infância e primeira adolescência foram influenciadas pela leitura exaustiva de *Pickwick Papers*, de Charles Dickens;

A segunda adolescência alimentou-a com Shakespeare e Milton e outros poetas românticos ingleses, como Shelley;

A terceira adolescência, agora em Lisboa, viveu-a na atmosfera dos filósofos gregos e alemães e no convívio de leitura com os decadentistas franceses.

A acreditarmos apenas nesta confissão de Pessoa, diríamos, então, que Edgar Allan Poe não foi importante na sua formação estético-literária, mesmo que João Gaspar Simões, seu quasi-biógrafo, tivesse visto coincidências literariamente importantes no facto de ambos os escritores terem ficado precocemente órfãos de pai, o que, aliás, também aconteceu a Baudelaire.

Gaspar Simões deduziu, ou melhor, induziu, que a figura do padrasto foi relevante na construção e na educação do imaginário dos três autores. Enganou-se, como tantas vezes aconteceu com suas induções: no caso de Pessoa, como Hennings o demonstrou, em seu *Os dois exílios – Fernando Pessoa na África do Sul*, e no caso de Poe, como o prova Harry Lee Poe, em *Edgar Allan Poe – An illustrated companion to his tell-tale stories*.

De facto, a ausência do pai ou a infância traumática não são temas germinantes nem da imaginação nem da fantasia (para tomarmos aqui duas categorias kantianas essenciais) de Poe ou de Pessoa.

A aproximação de Pessoa a Poe não deverá fazer-se pela biografia mas pela bibliografia, isto é, pela forma como ambos entenderam a filosofia da composição poética e literária.

Sabemos que a primeira referência explícita feita por Pessoa a Poe foi, no momento em que lhe foi atribuído o *Queen Victoria Memorial Prize* (1903), prémio galardoado com 7 libras em livros, foi, dizíamos, ter escolhido entre os livros *The choice works of Edgar Allan Poe*.

Que efeitos terá produzido em Pessoa a leitura de Poe e dessa poética gerada na soleira da vigília, lá nesse instante em que se sai do estado de alerta e se entra na porta do sono? Podemos induzi-los, agora nós, na poética pessoana ortónima e heterónima, sobretudo, por onde se passeiam também Keats, Byron, Tennyson, Emerson, Melville e Whitman e ainda Woodsworth e Pope, que tinham, em comum com aquele, a experimentação métrica, um sentido intenso do símbolo e uma urgência emocional ou intelectual para mergulhar fundo nas vivências e transes individuais.

Pessoa terá admirado em Poe seguramente a poética da extravagância e do delírio, que a sua intolerância às bebidas alcoólicas, que todavia, consumia, lhe provocava e enredava em palavras-ideias obrigadas a viver em contextos inimagináveis.

De tais palavras-ideias dizia Poe:

Elas não são ideias nascidas do meu cérebro. Não são sonhos. Erguem-se da alma, da sua mais profunda tranquilidade. Não surgem nos estados de vigília; não me ocorrem durante o sono. Tomam forma naqueles pontos precisos em que o mundo da vigília se mistura com o mundo do sono – no momento exacto em que o meu espírito flutua entre os sonhos e a consciência – e quem poderá dizer se o ser humano está, nesse momento absolutamente psíquico, acordado ou a dormir?

Poe perguntava para concluir:

Acaso não é esse momento a própria origem da minha vida, a própria essência do meu génio? E, sendo assim, é essa experiência comum a todos os homens, ou limita-se apenas ao meu ser individual?

A necessidade duma *escrita* nos limites levava Poe a interrogar-se como poderia tornar as suas fantasias dignas de crédito e fazer com que os leitores experienciassem com ele o princípio em que acreditava furiosamente de que o objectivo da obra de arte literária é evocar a beleza através da música das palavras, nunca o de preconizar uma moral ou encerrar uma verdade.

A criatividade literária, tal como Poe a concebia e praticava, deve gerar uma realidade *artística*, e não científica; verosimilhança, e não verdade; mera semelhança da verdade, e não verdadeira verdade. Por isso, não o preocupavam os factos, pretendia apenas os efeitos. Não se interessava tanto pela verdade como pela beleza. Afirmava com convicção que “o sentido da beleza é um instinto imortal e profundo no espírito do homem”.

Quem não será tentado em escrutinar nestas considerações de arte poética fracturantes, como diríamos agora, a génese do simbolismo francês e do sensacionismo pessoano?

Poderá ter sido também este Poe, poeta, ou o contista, a inspirar a Pessoa a heteronímia que assumiria como marca indelével de enunciação, a partir de 1914, ano de nascimento de Caeiro, de Campos e de Reis, depois de ter experimentado precocemente, na segunda adolescência, a pseudonímia, em português, em 1903, nos contos *Os Rapazes de Barrowby*, inspirados no *Pickwick Papers*, de Dickens, da autoria de um tal Adolph Moscow, e *A Riqueza de um Doido*, inspirada no *Bleak House*, também de Dickens, de autoria de um tal Marvell Kish.

Ou poderá também ter sido o Poe folhetinista e polemista do *Baltimore Saturday Visitor* ou do *Southern Literary Messenger* (da Virgínia) ou do *Graham's Magazine* ou do *Philadelphia Saturday Courier* a inspirar a pseudonímia em inglês de Pessoa, assinando C.R. Anon, na polémica que travou, em 1904, com um professor, na *Commercial School of Durban*, de nome C.H. Haggar, nas páginas do *Natal Mercury Pictorial*, com 16 anos recém feitos.

A leitura de Poe terá mostrado seguramente a Pessoa os muitos caminhos para se transformar, como certamente Jorge de Sena o predicou, num “indisciplinador de almas” e que levou o poeta mexicano Octávio Paz, depois de chamar a Fernando Pessoa “anglómano”, a reconhecer que “a obra de Pessoa é um passo para o desconhecido. Uma paixão”.

Nos *The choice works of Edgar Allan Poe*, terá lido Pessoa o primeiro livro de Poe publicado em 1827, em Boston, o *Tamerlane and other poems*, que assinou apenas como “a Bostonian”,

num exercício inaugural da despersonalização que culminaria com *The Raven*, o poema mais famoso alguma vez escrito por um americano, publicado em Fevereiro de 1845 com o pseudónimo “Quarles”.

A despersonalização e as máscaras da poética de Poe, associadas ao futurismo da sua imaginação geradora de voos através do Atlântico e para a lua, de aventuras para além das fronteiras do mundo conhecido que muito influenciaram também Jules Verne, fascinarão certamente o criador do *Chevalier de Pas* e das *dramatis personae* ancoradas em *O Marinheiro*, um drama estático que terá encontrado o seu *modus* de “unreliable narrator” em estórias como *The Cask of Amontillado* e *The Tell-Tale Heart*, nas quais Poe introduz essa importante “nuance” na narração na primeira pessoa. E não terá *O Marinheiro* ecos de *Berenice – a tale of premature burial*, onde Poe escreve: “A morte de uma mulher bonita é, inquestionavelmente, o tópico mais poético do mundo”?

A despersonalização do narrador ocorreria também em *Al Aaraaf*, estranho título para um estranho conto de outro mundo, ou em *Metzengerstein*, em que Poe explora, pela primeira vez, a problemática da maldade humana, que passará a ser uma constante na sua obra.

Este é o Poe chamado “the father of short stories” e dos “short essays” em que Pessoa pôde espraia a sua própria fantasia poética e imaginação literária, ao mesmo tempo que terá aprendido que o coração é um “comboio de corda” e que, portanto, em arte “sente-se com a imaginação”, tal como nos confessa no seu poema *ISTO*.

O “não uso o coração” do mesmo poema *ISTO* teria sido o desconsolo da Ofélia inconquistada por incompetência de amar, ou de novo, ecos do poema de Poe *To Helen*, que muitos consideram o seu mais belo poema, dedicado a Jane Craig Stanard, mãe dum seu colega de escola, Robert Stanard, que terá sido a primeira mulher que verdadeiramente lhe dirigiu palavras de amor e lhe dedicou gestos de carinho?

Esta mulher, Jane, suicidou-se aos 31 anos por depressão mental profunda e Poe, que tinha então 15 anos, ficou tão abalado com essa morte que, a partir daí, começou a explorar até limites indizíveis a temática da doença mental, numa escrita de morbidez e de melancolia horrorosamente cativante.

Este Poe geriu o seu próprio mito popular que o via como uma figura sombria, encerrada na loucura e em estados induzidos pelo álcool com uma inspiração torrencialmente selvagem, sem deixar de ser ao mesmo tempo interpelante de Deus que o apartara de tão admirada e amada mulher.

O questionamento de Deus e as interrogações sobre a vida, que Poe imaginava também depois da morte, terão despertado em Pessoa, adolescente, no precoce poema narrativo fragmentado *The old castle*, através de Marino, as mesmas interrogações de “Que sou eu?”, “O que é Deus?”, “Qual o sentido da vida?”, as quais, todavia, são por muitos consideradas como emergentes da leitura por Pessoa de *A velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro.

O mito popular de Poe, a estrangeiridade e a loucura, que lhe estavam associadas, poderão ter ajudado a compor o próprio mito popular de Pessoa e sua etílica criatividade, surpreendida em “flagrante delírio” ou no quadro do bagacinho do Orfeu de Almada Negreiros, no

Martinho da Arcada, sorvendo aguardentemente a vida no des-sentido das coisas, na busca de uma poética dos sentidos do des-sentido.

Tê-la-á achado Pessoa no ensaio de Poe *The Philosophy of Composition*, escrito em Abril de 1846, como uma espécie de análise poética do poema *The Raven* que lhe foi “case study”?

É provável que sim, pois também Pessoa não resistiu a traduzir para português o poema “O Corvo”, tal como Stéphane Mallarmé o havia feito com “Le Corbeau”, ilustrado com cinco desenhos do célebre Manet.

Também é provável que Pessoa tenha experienciado alguns efeitos de Poe, atarvés de Baudelaire e de Valéry que, aliás, consideravam, tal como Mallarmé, ter sido Poe o precursor do simbolismo francês, por onde Pessoa passou, mas não estacionou.

David Mourão-Ferreira explica, por isso, a génese do *Orpheu* como resposta de Pessoa para

superar as influências do simbolismo, bem como libertar-se da sua meteórica passagem – mais de ordem intelectual do que propriamente afectiva – pelos arraias saudosistas da revista *A Águia*.

Que melhor inspiração para essa superação poderia ter Pessoa do que em “O Corvo”, uma experiência poética e narrativa, onde se procura o sentido na musicalidade das palavras ao mesmo tempo que o narrador demanda “the lost Leonor” (a Leonor perdida) em diálogo de monótona sonoridade com o pássaro que, qual papagaio, repete o refrão “nevermore”.

Refrão que ecoaria em Poe até à sua morte em 7 de Outubro de 1849, às 3 da manhã, não sem antes se reconciliar com Deus a quem perguntou “Ó Deus!... Tudo o que vemos ou julgamos ver/Não passa de um sonho dentro de um sonho?”, para, na ausência de resposta, fazer a prece final: “Lord, help my poor soul”.

Pessoa, mais uma vez, subscreveria essa tese de Poe de que tudo, afinal e sobretudo a arte, se baseia no sonho que faz todo o homem mover-se do passado para o futuro em busca da utopia de alcançar a felicidade e de contemplar, na eternidade, num tempo sem tempo, finalmente, a face de Deus, origem de toda a cosmogonia e fim de toda a ontologia, isto é, do *ser*.

David Mourão-Ferreira, outra vez com perspicácia, viu em Caíro, uma “arte de *ser*”, em Campos, “uma arte de *sentir*” e em Reis, “uma arte de *viver*”, expressões heterónimas a recolocarem o homem, tal como Poe com o “corvo”, no centro da filosofia, isto é, no entendimento do mundo pelo *verbo*, como centro do nosso sistema de pessoa, que o mesmo é dizer, de existir!

O modernismo do Orpheu está na ave em que Plutão o transformou por não ter observado a condição que lhe impusera para libertar Eurídice do Hades. Perdeu Eurídice e o canto, ganhou, todavia, a inquietude do Corvo, afinal anunciador do nosso destino comum!

A *morte*, o fim do tempo, sem o qual não compreenderíamos a vida e muito menos a apreciaríamos como o intervalo a fruir entre um antes de nós e um depois de nós, durante o qual deveremos sublimar o pensamento no templo por excelência da linguagem multimodal e polissémica que é a Literatural!

Foi isso que Poe nos inspirou; é isto que Pessoa nos serve, no fascínio que certamente teve por uma escrita que também fascinou Dostoiévsky que se inspirou em *The Tell-Tale Heart* para escrever *Crime e Castigo*, o espelho da nossa condição humana, dialogicamente traduzida na polifonia e no carnaval do texto, como símbolos maiores da modernidade! Assim o disse Bakhtine, sem a originalidade, é verdade, da escrita de Poe e da poética de Fernando Pessoa, sua tributária.

É este, enfim, o nosso tributo duplo a dois poetas que tiveram pressa de regressar para o conforto divino de Athena.